ANO III—N.º 717 PREÇO 5 CENTAVOS Sabado, 2 de Abril de 1921

REDACTOR PRINCIPAL
ALEXANDRE VIEIRA
Propriedade da Confederação Geral do Trabalho
EDITOR — JOAQUIM CÁRDOSO

Redacção, administração e tipografia, Calçada do Combro, 38-A, 2.º
Lisboa—PORTUGAL
Endereço telegráfico: *Talhaba*-Lisboa • Telefóne 5339 C.
Oficinas de impressão—Rua da Atalaia, 114 e 116

A BATALHA

DIÁRIO DA MANHÃ—PORTA-VOZ DA ORGANIZAÇÃO OPERÁRIA PORTUGUESA

O CONGRESSO METALÚRGICO

Partem hoje para Tomar os congressistas metalúrgicos. De todos os pontos do país delegados convergem para o mesmo ponto. Uns descem lá do norte verdejante, de paisagens iluminadas pela luz clara de Abril; outros abalam do Algarve, de vegetação exuberante, quási tropical, atravessando o Alentejo raso, escasso de arvoredo e de montes. Os homens que daqui a momentos, no fundo duma carruagem modesta, olham os campos largos, de longes esfumados em bruma; os que assistem agora ao raiar do sol vermelho, de intenso fulgor, não vão gozar: o seu espírito preocupa-o não permite que as suas almas vibrem inteiramente na contemplação da Natureza, que se apresenta radiosa no seu manto primaveril, formado pelo amarelo quente dos malmequeres e pelo vermelho cantante das papoilas simples.

Êles mal terão tempo para gozar a Natureza. Uma vez em Tomar, todo o tempo será consagrado a um trabalho extenuante, onde cada um porá o melhor da sua inteligência, do seu esfôrço, da sua ponderação. Nós sabemos o que são congressos, principalmente quando eles revestem a importância que o Congresso Metalúrgico tem. E' um absorver de energias formidável. Almoça-se de fugida, chega-se a comer de pé e, por vezes, a não comer, só para que os minutos preciosos se não percam. As noites são passadas em escasso sono, porque no dia imediato, poucas horas após uma sessão, outra sessão tem lugar.

O calor da discussão esgota os delegados cerebralmente; a garganta seca-se ao defender um ponto de vista que se julga claro; a voz torna-se rouca pelo repetido uso da palavra. E os congressistas quando voltam aos seus lares, uns, no Minho, outros, na Estremadura ou no Algarve, chegam tam cansados como se tivessem feito a viagem a pé, em marcha forçada.

* * *

A realização dum congresso demanda dum esfôrço invulgar. Há a elaboração das teses, os catrapácios que se consultam para que a argumentação esteja na verdade, a série de esforços de géneros diferentes que convergem para o mesmo fim!

Um congresso é sempre um facto importante, não só antes como depois de realizado. Antes, porque interessa a muitos homens, cuja curiosidade se excita, levando-os ao estudo, à observação, depois, porque todos esses esforços se reúnem num bloco belo; numa obra ideal. A realização dum congresso é, em geral, um grande passo que se dá para a frente; é uma luz forte e clara que se dirige para o futuro misterioso, iluminando-nos o caminho, pondo em foco obstáculos a evitar, descobrindo a estrada branca e luminosa por onde deve passar o carro imponente do Progresso.

O Congresso Nacional Metalúrgico, que àmanhã se vai iniciar, é dos mais importantes que se teem realizado. São algumas as teses que ali serão presentes à sanção dos representantes dos operários metalúrgicos de todo o país. Os delegados que ali vão são o que as organizações metalúrgicas possuem de melhor. Oxalá os anime a todos um espírito conciliador—garantia dum trabalho fecundo.

Os operários metalúrgicos não vão ali discutir apenas a sua condição económica. Também o desenvolvimento da sua indústria os interessa grandemente; a introdução de novas indústrias é assunto que os apaixona, e a prova-lo está a tese *Intensificação e desenvolvimento da Metalurgia Nacional pela introdução da siderugia no país*. Ela mostra bem que o operariado português, estudando as indústrias onde trabalha, se prepara com ardor para substituir, com vantagens para a sociedade, os capitalistas inuteis. E assim deve ser: quem trabalha tem obrigação de saber que materiais usa, qual a importância do labor dum para a perfeição do esfôrço colectivo. Eles não querem apenas o seu trabalho bem remunerado; querem também que o Progresso siga a sua rota grandiosa, pelo aperfeiçoamento da máquina e pela cultura do proletário.

Não costuma a burguesia portuguesa inclinar-se muito a reformas de maquinária, o que, em certos casos, dar-lhe-ia até mais lucro. O burguês tem um espírito rotineiro, refractário a tôdas as innovações. Cuida da máquina, quere-a limpa e afinada, apenas porque ela lhe custou dinheiro. Porém, se a máquina lhe merece cuidados, porque lhe custa dinheiro, outro tanto não acontece com o operário. O trabalhador ao seu serviço vale menos do que as peças de aço que adquiriu. O operário substitui-se fàcilmente sem despesas que assustem, e a máquina custa-lhe o melhor do produto do seu roubo. Esta teoria está admirávelmente desenvolvida na tese *Defesa dos operários da indústria*, que ontem publicámos. *A tese de organização* é também elaborada com inteligência. Há algumas teses que não conhecemos ainda. Tôdas elas vão ser discutidas neste importantíssimo congresso.

Fazemos votos para que a nova conduta da organização metalúrgica, que se vai delinear, não fique apenas em lindas palavras, como bastas vezes tem acontecido. O momento é de trabalho, de trabalho fecundo.

NA NOSSA CASA!

Mas que honra!...

As oficinas desta subversiva gazeta foram ontem de tarde visitadas por três ilustres representantes do Militarismo. Infelizmente na ocasião em que suas excelências vieram os redactores de *A Batalha* não se encontravam presentes. Estavam assistindo, com muito agrado seu, à leitura dum interessante trabalho que o nosso camarada Manuel Joaquim de Sousa vai em breve lançar a público—e não vai isto à laia de reclamo—por intermédio da secção editorial de *A Batalha*.

Não estavamos, portanto, presentes, e foi pena. Foi pena porque gosteriamos de ter fixado a marcial figura dos três ilustres visitantes, um dos quais, por seus feitos, tem sido algo falado nestas colunas.

Como não estivessemos, conversaram, em pleno corredor—falta de que aqui nos penitenciamos—com um nosso camarada da administração, que atentamente os ouviu.

Disseram vir, em nome da oficialidade do batalhão dos sapadores dos caminhos de ferro, protestar contra o que àcêrca do mesmo batalhão nestas colunas se tem dito, tendo nós ficado altamente intrigados quanto ao fundamento do protesto, porque não nos recordamos de ter dito bem ou mal do supracitado batalhão, a não se dar o caso de suas excelências encarnarem o batalhão na pessoa do seu comandante, sr. Raúl Esteves, de cuja acção, como homem público, nos temos ocupado muitas vezes e continuaremos certamente a ocupar-nos, sempre que para tal haja motivo discutindo os seus actos, sobretudo os seus actos violentos, que se registam às dezenas.

Falaram também na carta que *A Batalha* ontem inseriu, de um grupo de cabos e soldados do batalhão, pretendendo, *apenas por curiosidade*, saber quem eram os seus autores, os quais, em seu critério, a deviam ter assinado, como se nós pudessemos acreditar que suas excelências, postos no lugar dos referidos cabos e soldados, o houvessem feito.

E mais disseram que *A Batalha* tem atribuído ao batalhão—deveriam querer dizer ao sr. Raúl Esteves—factos menos verdadeiros, motivo porque, se continuássemos, para outra vez viriam... noutros termos.

Aos marciais cavalheiros obtemperou o nosso camarada de oficina que não lhe parece que a gazeta se tenha ocupado do batalhão, mas do seu comandante, o que é diferente. Quanto à carta dos soldados e cabos, era assunto sôbre que só o redactor principal estava habilitado a responder. E, finalmente, que se *A Batalha* tem feito acusações menos verdadeiras, não deviam ignorar que há uma lei de imprensa que pune êsses delitos, achando natural que os queixosos recorram a essa ou a quaisquer outras leis, porque há muitas. Por último convidou os ilustres visitantes a declinarem seus nomes, o que suas excelências fizeram, pedindo, por seu turno, o do nosso camarada, que lhes foi dado, como mandava a boa educação.

Após o que as marciais figuras se retiraram, pela mesma porta por onde haviam entrado...

Eram elas: o sr. capitão Abranches e tenentes Barradas e Ferreira Mendes, o primeiro celebrizado aqui, por ocasião da greve dos ferroviários do Estado, por virtude duma façanha que praticou na pessoa do ferroviário, amigo nosso, João Cebola, e que outras façanhas cometeu, aqui igualmente narradas, em relação a vários vendedores de *A Batalha*, quando fazia serviço na estação do Barreiro.

* * *

Não estranhamos nós—hoje já nada nos surpreende nesta abençoada terra—que os ilustres e marciais oficiais houvessem vindo de longada, nos termos expostos, até estas oficinas. Se já por aqui teem passado autênticos ministros!...

O que se nos afigura curioso, e daí talvez não seja, é que criaturas que, como os militares em referência, teem por missão, segundo rezam os catrapácios por que se regulam, cumprir e fazer cumprir as leis, que os do *soberano* decretam em nome dêste, assim fujam da letra dos códigos pondo-se em condição igual à nossa, que aos códigos votamos, por princípios, uma aversão respeitável. Pelo que se vê, sob êste aspecto, o sindicalismo vai-se infiltrando entre os da tropa, o que, quanto a nós, é óptimo...

Se suas excelências, como lhes foi observado com justeza pelo nosso camarada de trabalho, quisessem ser o que dizem: legalistas, desde que entendem que somos menos razoáveis nas nossas expressões, embrulhar-nos-iam em meia folha de papel selado e mandar-nos-iam para a Boa-Hora, se não preferissem mandar-nos para Timor... Se perante os da Boa-Hora, que são amigos dos bons costumes, não justificassemos as nossas palavras e não provassemos as asserções que hemos feito, seriamos mandados certamente para o Limoeiro.

Mas não lhes agrada a solução. Preferem vir fazer-nos veladas ameaças, como se, feito um segundo assalto a esta casa, ou assassinado qualquer de nós, ou todos nós, *A Batalha* deixasse de ser *A Batalha*...

Nós, ilustres senhores, sabemos que havemos de morrer um dia. E morrer de morte natural ou de morte violenta é morrer. Para morrer estamos, pois que para pouco mais do que isso viemos ao mundo.

Mas como se dá a circunstância desta tribuna não ser dos que nela trabalham mas duma classe que é legião—a classe operária organizada—postos de lado nós, outros virão tomar-nos os lugares, porque o mundo não pararia por tam pouco...

E' talvez por isso que, não estando embora na graça de deus — com quem andamos zangados — temos dormido e continuamos dormindo tranqüilamente.

E' que isto de produzir qualquer cousa de útil dispõe bem os nervos... Experimentem os ilustres oficiais e hão de concordar comnosco...

CONGRESSO NACIONAL METALÚRGICO

São amanhã iniciados os trabalhos, em Tomar

A partida dos delegados do Sul efectua-se hoje

E' àmanhã que, conforme temos dito, dá começo aos seus trabalhos, em Tomar, numa das casas de espectáculos daquela linda cidade, o Congresso Nacional Metalúrgico, que tanto e tam lustificado interêsse está despertando não só entre o operariado daquela indústria, mas também entre o que constitui as restantes corporações trabalhadoras.

O regulamento do Congresso

Tendo *A Batalha* publicado as teses que a respectiva comissão organizadora submete à apreciação dos congressistas, que devem ser em número superior a 40, inserimos hoje o regulamento do Congresso, que é do teor seguinte:

Artigo 1.º O Congresso Nacional Metalúrgico assenta nas bases de só admitir no seu seio as representações de Sindicatos Unicos Metalúrgicos e suas secções, Associações de classe metalúrgicas e Núcleos metalúrgicos.

Artigo 2.º Os sindicatos, associações e núcleos, só poderão fazer parte dêste Congresso desde que contribuam com a sua cota de adesão, na importância de 25$00 para os Sindicatos, Associações ou Núcleos de Lisboa e Pôrto, e de 15$00 para os da província.

§ único. Podem também fazer parte dêste Congresso as Juventudes Sindicalistas Metalúrgicas, a cujos delegados se confere, por deferência e consideração, a acção consultiva, excluindo-as do pagamento da cota de adesão.

Artigo 3.º O Congresso estabelece o princípio de reconhecer apenas as delegacias directas e indirectas dos organismos citados nos artigos anteriores, representadas por operários metalúrgicos.

§ 1.º Os delegados, além da delegacia directa de que venham investidos, não poderão acumular mais do que uma delegacia indirecta.

§ 2.º Os delegados terão que se conformar com as decisões do Congresso, que serão tomadas por maioria e colectivamente acatá-las, quando reconhecidas em benefício da colectividade metalúrgica.

Artigo 4.º O Congresso realizará seis sessões com a seguinte ordem de trabalhos:

1.ª Sessão inaugural: revisão de mandatos e leitura, apreciação e aprovação do Regulamento do Congresso e do relatório da Comissão Organizadora;

2.ª Discussão e aprovação da tese de Organização;

3.ª Discussão e aprovação da tese sôbre *Intensificação e Desenvolvimento da Indústria de Metalurgia pela introdução da Siderurgia no país;*

4.ª Discussão e aprovação das restantes teses, moções e propostas que sejam presentes ao Congresso;

5.ª Nomeação da Comissão Administrativa Federal e encerramento do Congresso.

Artigo 5.º Para o regular funcionamento do Congresso e não serem protelados e demorados os seus trabalhos, os delegados devem comparecer às horas convencionadas para a abertura das sessões.

§ 1.º Para êsse efeito, encontrar-se há na sala das sessões um caderno, onde quinze minutos antes de começarem as sessões os delegados farão a sua inscrição.

§ 2.º Em obediência ao bom critério que deve imperar neste Congresso, a fim de que os seus trabalhos decorram com a máxima ordem e regularidade, não são permitidas as faltas dos delegados às sessões, nem que compareçam depois da sua abertura.

Artigo 6.º A mesa do Congresso, na sessão inaugural, será composta por três membros da Comissão Organizadora, sendo um presidente e dois secretários, que respectivamente se encarregarão da redacção das actas e expediente, seguindo-se a composição da mêsa das seguintes sessões, por votação na sessão anterior e pela forma já descrita.

§ único. Quando qualquer membro da mesa queira tomar parte na discussão de qualquer assunto ou apresentar algum documento ao Congresso, deverá fazer-se substituir no seu lugar, o que o Congresso tomará na devida consideração.

Artigo 7.º As sessões do Congresso começarão às 13 horas, terminando às 17, para recomeçarem às 20 e terminarem às 0 horas.

§ 1.º Os congressistas terão a liberdade de fazer uso da palavra sôbre qualquer assunto pela ordem de inscrição: três vezes durante a sessão ou sessões em que se debate o mesmo assunto, sendo a primeira vez por vinte minutos, a segunda quinze e a terceira dez, tendo a preferência em qualquer altura e, por tolerância de tempo, o relator da tese em discussão.

§ 2.º As moções, propostas e questões prévias serão enviadas para a mesa, que por sua vez as fará admitir por ordem criteriosa.

§ 3.º Nenhum congressista se poderá recusar a fazer parte de qualquer comissão que para a execução de trabalhos seja preciso constituir durante o Congresso.

Artigo 8.º As despesas feitas pela Comissão Organizadora, representantes do Norte e Sul, na propaganda e realização do Congresso, serão rateadas pelos sindicatos aderentes e segundo a sua população sindical.

A Comissão Organizadora—*Zacarias de Oliveira Pinho, António Peixe, Júlio de Matos, Francisco Viana e Joaquim da Silva.*

Avisos vários

A Comissão Organisadora previne todos os delegados que a partida para Tomar se efectua no combóio da manhã de hoje, que sai da estação do Rossio às 9,15 horas.

Os delegados que não forem neste combóio teem outro às 21,15, que chega a Paialvo cêrca das 2 horas da madrugada de àmanhã.

Em Tomar deve estar tudo disposto para o funcionamento do Congresso e alojamento dos delegados, tendo, para êsse efeito, partido na quinta-feira para ali um delegado da Comissão Organizadora.

Todos os delegados devem reclamar do secretário da comissão organizadora, que se encontrará uma hora antes de começar o Congresso na séde da União dos Sindicatos Operários de Tomar, os respectivos cartões de admissão.

A comissão avisa os delegados que tem vinte exemplares de cada número das teses, para serem distribuidos àqueles que deles necessitem.

Durante os dias do Congresso a administração de *A Batalha* envia para Tomar jornais, para a venda avulso aos delegados.

Outras notas

A C. G. T. faz-se representar no Congresso pelo seu secretário geral, que parte hoje para Tomar.

Juntamente com os delegados do Sul, que hoje seguem, no combóio da manhã, vai o enviado especial de *A Batalha*, mandando também um representante o nosso colega *A Imprensa de Lisboa*, que se fará representar por um jornalista em greve.

EM ALPIARÇA

Violências sôbre os rurais

ALPIARÇA, 29.—C.—Reforçando as informações, com êste título publicadas em *A Batalha*, de 6 do corrente, tenho a acrescentar que as selvajarias da guarda não terminaram.

Os trabalhadores rurais deixaram de tomar patrão na rua Direita, fazendo-o na Praça do Comércio, afim de evitar novos conflitos. Mas pura ilusão! O administrador surgiu com novas dificuldades.

Do dia 6 em diante tem mandado uma fôrça de cavalaria cercar aquela praça, engaiolando os trabalhadores como se fossem um rebanho de carneiros! Não satisfeito com isto, pensou em encerrar a praça às 17 horas, quando pouco mais cedo era uso começar, dando o resultado dos trabalhadores serem obrigados, pelos janizaros da pretoriana, a abandonar a praça sem terem patrão.

Por êste motivo, no passado domingo, o salário baixou de 4$50 para 3$50, ficando muito pessoal sem trabalho.

Terminada a praça, o pessoal debandou para os seus destinos, estacionando porém alguns trabalhadores em diversos pontos da vila, esperando que algum capataz lhes falasse para qualquer trabalho. Foi o bastante para que o administrador mandasse algumas patrulhas de infantaria e um pelotão de cavalaria dispersar aqueles trabalhadores, e impedir que alguém parasse na rua, agredindo e prendendo ainda alguns.

Todos os presos foram restituídos à liberdade pouco depois, excepto Luís Castelo e João Matias, que foram curados na prisão pelo dr. sr. Joaquim de Matos Coutinho, e só hoje, pelas 14 e meia horas, foram soltos, tendo de vestir camisa lavada antes de sair para não serem vistos ensanguentados cá fora.

O João Matias é soldado em artilharia 3 e estava aqui com oito dias de licença.

CONFERÊNCIAS

Universidade Popular Portuguesa

Ontem realisou a sua 2.ª conferência pedagógica para os país, o dr. sr. Faria de Vasconcelos. Tratou dos problemas relativos ao edifício escolar: sua situação, superfície, orientação e construção, fazendo notar as condições da higien escolar e da pedagogia às quais deve obedecer.

—Realiza-se hoje nesta instituïção de educação popular, Rua Particular, à Rua Almeida e Sousa (Estrela), pelas 21 horas, a 2.ª lição do dr. sr. Faria de Vasconcelos sôbre *Educação geral*, sendo a entrada pública.

RECLAMAÇÕES CORPORATIVAS

Manipuladores de pão

Da Associação dos Operários Manipuladores de Pão recebemos a seguinte nota:

A direcção desta colectividade, reunida para assuntos urgentes, apreciou uma nota inserta em alguns jornais, na qual declaravam os pseudo-operários panificadores que a Companhia já êste mês queria dar a fornéiros, amassadores, caixeiros e moços, respectivamente 4$50, 4$00, 3$00 e 3$50, o que representa uma falsidade, porquanto e que a Companhia queria dar ora $50 diários de aumento, que, incluindo o pão, dava o ordenado dos caixeiros, 5$40; fornéiros, 5$35,5; amassadores, 5$16,6, e moços, 2$75,5, apesar das primeiras quantias terem ficado estipuladas pela comissão de inquérito.

Na parte em que diz que isso se deve aos seus esforços, é uma mentira muito usada por êles, pois quando a classe ameaça movimentar-se e adquire alguma melhoria de situação, veem logo declarar que foram êles que a conseguiram, quando afinal são os que sempre se impõem a todos os aumentos de salário.

Associação Anti-Alcoólica Operária

Amanhã, às 21 horas, realiza-se uma sessão de propaganda na C. G. T., com tribuna livre, promovida por esta agremiação, na qual será combatido o alcoolismo por diferentes oradores.

Na próxima terça feira realiza-se uma conferência anti-alcoólica na Federação Metalúrgica, rua da Esperança, 204, estando em preparação novas sessões e conferências.

A ARTE E OS ARTISTAS

Ante a Revolução

Uma obra de arte não vale nada, se não transmitir à humanidade novos sentimentos. A arte deve destruir no mundo o reinado da violência e dos vexames.—TOLSTOI.

Ao sr. dr. Aurélio da Costa Ferreira

O dr. sr. A. Aurélio da Costa Ferreira teve a gentilesa de me enviar um exemplar da *Atlântida*, indicando-me a leitura dum discurso seu—*Arte e democracia*—proferido em 5 de Outubro, quando da inauguração duma galeria de trabalhos de artistas-alunos da Casa Pia. Foi com esta festa artística que o dr. sr. Costa Ferreira quis que aquela data fôsse comemorada. A escolha dêste dia para a abertura de uma exposição de arte, achava-a o ilustre director da Casa Pia perfeitamente lógica, porquanto, segundo a sua maneira de ver, a arte e a democracia encerram idêntico espírito de belesa, não podendo uma desenvolver-se sem a outra.

«Entre o culto da arte e o da democracia—disse o dr. sr. Costa Ferreira nesse discurso—não há os antagonismos que se supõem». Parecendo que não é nesta frase que baseia tôda a sua argumentação, é ela o alicerce que julga bastante resistente para suportar o monumento de belesa e algumas verdades que formam o seu discurso admirável pela sinceridade e pelo encanto da frase.

Creio que o dr. sr. Costa Ferreira não duvida do meu culto pela arte; o que não poderia, porém, acreditar é no meu culto pela democracia, que não possuo. Talvez isto bastasse para provar que entre o culto da arte e o da democracia existem fortes antagonismos. Pode-se possuir apenas opiniões artísticas e desconhecer os sistemas políticos, e também se pode amar determinada política despresando a arte olhando-a como elemento dispensável na sociedade. Para mim, os indivíduos que amam apenas a política ou simplesmente a arte são incompletos. Pretendendo eu uma era de paz e de felicidade, não a posso conceber sem que todos os elementos que devem formar o todo harmónico duma vida ideal se desenvolvam sem peias nem entraves. Ora, a arte e os sistemas políticos interessam aos homens porque são factores poderosíssimos da evolução dos povos. Uma arte sã e um sistema social perfeito só podem ser atingidos quando uma não contrarie o outro.

Supõe o dr. sr. Aurélio da Costa Ferreira que a democracia não contraria a arte; por isso, sendo amante do belo, se julga obrigado a amar a democracia.

Parece-me, porém, que está em êrro. Ou o seu amor pela arte é tam grande que não o deixa ver as imperfeições da democracia ou o amor pela democracia é tam intenso que o impede de notar quanto a democracia prejudica a arte.

A democracia considera os homens iguais, politicamente iguais. Ricos e pobres, sãos e doentes, felizes e desgraçados são todos iguais perante o regime democrático. Assim se forma o primeiro pilar dêsse ideal—a Igualdade. Sendo os homens politicamente iguais, possuem portanto idênticas liberdades: onde entra o senhor tem o escravo direito a entrar; o que o rico deseja tem o pobre o direito a desejar; as penas que o rico deve sofrer, são igualmente aplicadas ao pobre. E' assim constituído o segundo pilar sôbre o qual a democracia assenta; chama-se-lhe a Liberdade. Vem por fim a Fraternidade, o terceiro pilar, que indica aos homens o caminho do amor: «não faças a outrem o que não queres que te façam».

E' assim a democracia—teòricamente. A sua base são três princípios belos: Igualdade, Liberdade e Fraternidade. Postos na prática estes princípios, o homem continua como dantes. Vê-se que os homens ficam divididos em duas castas: os que trabalham e teem direito a votar, a eleger e a ser eleitos, e os que não trabalham, com igual direito a votar, a eleger e a ser eleitos. São, o ocioso rico e o trabalhador pobre, iguais? Diz a democracia que sim; digo eu que não. De facto, são politicamente iguais, mas não o são economicamente. Os códigos consagram-lhes os mesmos direitos, mas a riqueza divide-os, esmaga uns e eleva outros. Com o dinheiro compram-se todos os direitos; quem tem dinheiro tem mais liberdades; compra quadros belos, come melhor, instrui-se, cursa as aulas onde se ensina a medicina, a advocacia, a pintura, a escultura, etc. E o pobre, que tem direito (o direito político que a democracia lhe garante) a freqüentar todos os cursos superiores, não se educa, porque o trabalho do qual não se pode arredar, porque então morrerá de fome, lhe toma todo o tempo; *porque a desigualdade económica, a despeito de todos os direitos democráticos, o obriga a manter-se na escravidão e na ignorância.*

Sé quisermos uma arte sã, grandiosa e livre tornemo-la conhecida do povo, das multidões: melhoram os sentimentos do povo e melhora a arte. O dr. sr. Costa Ferreira conhece bem quanta verdade encerra êste meu pensamento. Quando diz no seu discurso belo que «os artistas em regra, nascem do povo, recrutam-se mais no tugúrio do pobre do que no palácio do rico,» sente o que eu sinto, deseja o que eu desejo—que a arte seja conhecida pelo povo, que o povo seja artista ou estéta, que dê homens vigorosos e cultos, capazes de materializar na pedra, na cor ou no som os sentimentos ingénuos dos humildes, os entusiasmos da multidão, os seus prazeres, os seus costumes, o seu amor, o seu ódio...

¿Mas como quer o dr. sr. Costa Ferreira que o povo forneça artistas, se a democracia, mantendo a desigualdade económica, o afasta da arte, o conserva nas tenebrosas trevas da ignorância?

A democracia não só afasta o povo da arte, como coloca aqueles homens do povo que se elevaram à custa de mil sacrifícios, que chegam, devido a um esfôrço titânico, a ser artistas, numa situação difícil! O artista pobre é um martir. Obrigado a viver da sua arte, esta não lhe dá de comer. Se o seu método, a escola artística, o seu génio, não são compreendidos pelos ricos, as suas obras não se vendem. E a sua alimentação, a dos seus filhos, a sua própria vida estão dependentes do êxito das suas obras. A democracia com a sua desigualdade económica, vibra-lhe golpes formidáveis, mata-o de fome, impede que a sua arte se desenvolva livremente. A democracia dá-lhe o direito de ser artista, a liberdade de pintar, desenhar ou modelar o gêsso, mas não lhe garante essa liberdade. E um regime economicamente imperfeito.

Não teem conto os indivíduos, que, obrigados pela desigualdade económica que a democracia não destroí, porque é um simples ideal político;—não teem conto, dizia, os indivíduos que prostituem a arte, que a rebaixam, segundo gosto do freguês, de conformidade com a ignorância de qualquer capitalista, que lhe faz encomendas e o remunera com uma ninharia que mal chega para morrer de fome.

Eis, resumidamente, os motivos que me levam a afirmar que o culto da arte e o da democracia são antagónicos. Quem quizer bem á arte que a livre da democracia. O dr. sr. Aurelio da Costa Ferreira se ama a democracia não pode desejar a perfeição artística; se ama a arte condena a democracia.

¿Quere isto dizer que eu prefira a monarquia, o imperialismo? Não. A monarquia, o imperialismo, como a democracia são, sob o ponto de vista económico—o mais importante para o progresso humano—idênticos. O predomínio económico de uma ou duas castas encontra-se em todos êsses regimes a entravar e erguer obstáculos enormes à marcha progressiva da humanidade.

Eu desejo uma arte livre. Eu quero a luta pela liberdade económica e política dos homens, porque só homens livres, sádios e fortes poderão produzir uma arte grandiosa e sã.

—¿Qual será, então o regime que êle prefere?—preguntará para consigo o dr. sr. Aurélio da Costa Ferreira.

E eu poderei responder, com aquela franqueza que me caracteriza, embora esta resposta ainda faça estremecer de horror muita gente honesta:

—A anarquia!

Mário DOMINGUES.

Tribunal de Defesa Social

Deve efectuar-se hoje o julgamento de Manuel Ramos

Conforme noticiámos, é hoje, pelas 12 horas, que no quartel da guarda republicana, em Campolide, se realiza o julgamento do operário pedreiro Manuel Ramos, contra o qual teem sido, como é hábito velho, lançadas as mais vis calúnias.

Mais uma vez o tribunal scelerado vai funcionar, para vergonha, não dos acusados que no banco dos reus se sentam, mas para a própria república, que como regime de liberdade tam reclamada foi pelos homens que hoje, uma vez no poder, se manifestam duma maneira absolutamente reaccionária.

E' bom que o operariado verifique a forma como êsse tribunal de exeepção vai funcionar.

Como se sabe, a polícia da segurança do Estado, como não tem outra cousa que fazer, tem ido para a porta do tribunal apalpar quem entra, não leve alguém na algibeira do colete algum petardo de potência desmedida ou a própria revolução social.

Um julgamento é um facto admirável, que se deve aproveitar para se observar a base de injustiça em que assenta a sociedade burguesa.

A polícia, que deixa andar por aí à sôlta, gosando dos rendimentos, tanto rico cavalheiro de mãos pouco limpas, só exerce as suas violências sôbre os pequenos. Os tribunais por onde raro passam os grandes argentários criminosos, em regra condenam os operários inocentes.

Não se tendo realizado na passada quarta-feira o julgamento de Manuel Ramos, pela razão de, segundo consta, a polícia ter escorraçado da sala do tribunal duas das testemunhas de defesa, ficando por êsse motivo o julgamento adiado para hoje, às 12 horas, o Sindicato Unico da Construção Civil convida o operariado desta indústria a assistir ao mesmo julgamento.

Outro julgamento

Também hoje deve ser julgado naquele tribunal o operário carpinteiro José Maria de Almeida, que há 10 meses se encontra prêso sob a acusação de detentor de explosivos.

Aquele operário pede às suas testemunhas que compareçam no referido tribunal, às 12 horas.

A acção da F. N. C. C.

Uma nota do seu Conselho Técnico

Recebemos a seguinte nota oficiosa, que trata de dois assuntos importantes:

Este organismo resolveu tornar público que por virtude do insucesso de várias *demarches* que efectuou no sentido de ver reforçada a verba das obras do Instituto de Medicina Legal, vulgo *Morgue de Lisboa*, se vê forçado a suspender, desde hoje, os trabalhos de construção até que o sr. ministro do comércio arranje uma dotação extraordinária que faculte o prosseguimento dos referidos trabalhos.

Esta resolução é tomada com bastante pesar nosso e da comissão administrativa das obras e do facto foi dado conhecimento aos srs. ministros da justiça e do comércio, bem como ao administrador dos edifícios públicos, confiados em que s. ex.as remediarão em breves dias esta situação, que nós procuramos evitar por representar um prejuízo para o estado e colocar na situação de sem-trabalho o pessoal que nesta obra empregava a sua actividade.

O conselho técnico, tendo apreciado, na sua reünião de ontem, uma carta inserta na *Imprensa de Lisboa*, que se refere aos Bairros Sociais e a uma proposta de lei do sr. ministro do trabalho, que teria sido pedida pela C. G. T., êste organismo vem declarar que quem pediu o reconhecimento jurídico das associações de classe foi a Federação Nacional da Construção Civil e êste conselho técnico, que para êsse efeito vem empregando os seus esforços há longo tempo junto de vários ministros, estando em via de solução a sua reclamação por virtude dum projecto de lei que o sr. ministro do trabalho tenciona levar ao parlamento em breves dias, segundo vem de prometer.

Fazemos esta declaração para evitar mal-entendidos.

AMANHÃ:
Artigo de HAMON

Os senhorios em Paço de Arcos

Por tôda a parte os senhorios são da mesma espécie na missão de descamisar os inquilinos, aqueles que ainda teem a felicidade de possuir camisa.

Este caso passou-se em Paço de Arcos. Em Dezembro de 1920 o oficial da armada sr. Almeida Garrett, actualmente engenheiro da casa Burnay, comprou ali, na rua Caetano Felix, uma propriedade por 22 contos. Como quizesse elevar as rendas, convenceu os inquilinos a sair das casas por algum tempo, com o pretexto de mandar fazer obras, prometendo-lhes que logo que estivessem concluídas voltariam, pagando um pequeno aumento nas rendas.

Após a conclusão das obras, os inquilinos foram estrando para a propriedade, mas—e aqui está a benemerência do senhorio no *pequeno* aumento—passando a pagar 24$00, quando até então o preço era de 1$70, 2$00 e 2$50! Isto por consideração para os inquilinos antigos, pois aos que forem de novo muito mais lhes exige.

Antes das obras havia inquilinos que habitavam 7 divisões e agora essas divisões são para dois!

Também aproveitou para moradia uma cocheira, só com uma porta e uma janela, sendo a renda também de 24$00!

E' um nunca acabar de exploração!

Da mesma forma, o grande proprietário e industrial de cantarias Joaquim Moreira Rato pensa em aumentar as rendas 50 por cento.

E ninguem olha para a benemerência dêstes santos varões!

A BATALHA Vende-se em **Oeiras** na casa do Sr. Joaquim Pimentel.

2)

O COMUNISMO NOS TRIBUNAIS

O julgamento dos dez

Uma tentativa da reacção francesa miseravelmente falida

O diálogo prolonga-se ainda por um certo tempo e termina com as seguintes frases:

O presidente.—O senhor foi mobilizado em 1916?

Monatte.—Parti em 1916, fui para o *front* e lá estive durante 1916, 1917 e 1918. Fui desmobilizado em 1919.

O presidente.—Nada mais há a tornar conhecido dos senhores jurados no respeitante a Monatte.

Souvarine e Monmousseau

E' a vez de Boris Souvarine. O presidente não se alonga muito com êle. E' um jornalista, um escritor, um orador aplaudido—Boris protesta—duma grande inteligência.

A respeito de Monmousseau também os esclarecimentos são muitos breves:

O presidente.—O senhor é apontado há muito tempo como antimilitarista militante.

Monmousseau.—E' verdade, sr. presidente.

O presidente.—Em 1913, tomou uma parte activa na campanha contra os três anos.

Monmousseau.—Não quero exagerar aqui o meu papel. Sou demasiadamente modesto para isso. Em 1913, eu não era orador. Era certamente contra a guerra e fiz o possível, como militante obscuro, para encorajar esta campanha contra os três anos. O meu papel foi muito reduzido. Estou talvez envergonhado por isso, mas nessa época era-me bastante difícil tomar uma parte mais activa naquela campanha.

O presidente.—Depois, pode dizer-se que o senhor saiu dessa obscuridade a que aludiu. O senhor é conhecido como propagandista sindicalista revolucionário muito ardente. As circunstâncias puzeram-no em evidência sob êsse ponto de vista.

Monmousseau.—Não é minha a culpa. Sempre que pôde e as ocasiões o permitiram, dei a maior actividade possível às ideas que me são caras, que eu defendi com energia e que aqui não renegarei de maneira nenhuma. Fiz o que pude. Se mais não fiz não é minha a culpa.

A audiência é encerrada depois.

Segunda audiência

O presidente anuncia que se vai passar ao exame dos factos que originaram o processo. Explica depois a seu modo a constituição do comité da III Internacional. Alude a um pequeno grupo de tendências revolucionárias, fala na guerra, na união sagrada, etc. E ajunta:

—O grupinho de que falo tinha por dirigentes os quatro acusados que já citei ontem: Monatte...

Monatte.—E' exacto.

O presidente.—Diga o que disser o sr. foi o fulcro dum pequeno agrupamento, pelo menos duma agremiação que, desde o princípio da guerra, realizava as suas reuniões na sede da *Vie Ouvrière*, caes de jemmapes.

Monatte.—E' exacto.

O presidente. — Nesse agrupamento figuravam além do sr.—e eu não quero citar senão um limitado número de nomes—Merrheim, secretário da federação dos metalúrgicos; Rosmer, futuro membro da Internacional comunista e um dos vossos mais activos colaboradores em Moscóvia nesse momento; Raymond Lefébvre, o poeta Martinet; Guilbeaux de quem muito se falou durante a guerra e que pouco tempo depois de ter sido mobilizado, foi reformado e enviado para a Suíça onde assumiu a chefia dum grupo de insurrectos e de desertores...

Monatte. — E' inexacto. Guilbeaux nunca comandou grupo algum de insubmissos.

O presidente.—Eu julgo-o segundo o processo e é nessa qualidade que êle no-lo apresenta. Os documentos oficiais não mentem.

Maurice Paz.—Registo com todo o gôsto essa apreciação e dela tomo nota como de muitas outras mais...

Monatte.—... cuja falsidade eu fácilmente provarei!

O presidente.—Lembro-lhe que o tal Guilbeaux foi condenado à morte por reincidência pelo 3.º conselho de guerra de Paris, acusado do crime de entendimentos com o inimigo. E além disso entre os seus amigos conta-se um avultado número de socialistas diversos como, por exemplo, Trotsky.

Monatte.—Tal e qual.

O presidente. — O senhor, até disse que se regosijava com o facto.

Monatte.—Muita honra...

O presidente.—O senhor não me desmentirá se eu disser que, na sua opinião se então, a segunda internacional não só dera em falência mas era ainda tida como morta. O senhor entendia que se devia criar um novo movimento, não para restaurar a segunda internacional mas para a substituir, no intuito de adoptar-se o antigo programa da luta de classes, o programa da deposição da classe burguesa. ¿Será verdade?

Monatte.—Vista a coisa por alto, está certo.

O presidente.—O sr. Souvarine é também dessa opinião?

Souvarine.—Sr. presidente: não posso compreender que a doutrina comunista seja exposta em meia dúzia de palavras. E' impossível dizer objectivamente: «o nosso pensamento é êsse» desde que se procure condensar nalgumas fórmulas lapidares o conjunto de concepções complexas que constitui a doutrina comunista. Se nos interrogarem a respeito de factos, é possível que respondamos com concisão e precisão; mas se se trata de julgar as nossas ideas é necessário expô-las no seu conjunto, e não suponho o senhor presidente capaz de semelhante trabalho. Só nós poderíamos fazer isso.

O presidente, o sr. Brioux, não quere aceitar lições de marxismo, preferindo destacar algumas frases dos escritos de Souvariue, a cuja leitura procede.

Souvarine:—Reivindico a responsabilidade de tudo quanto publiquei; mas tenho por arbitrário êsse processo de ir buscar ao conjunto duma demonstração algumas linhas para as apresentar isoladamente. As frases que o sr. presidente citou integram-se numa exposição em que o meu pensamento se demonstra. E as poucas linhas há pouco lidas não patenteiam de forma alguma as minhas opiniões.

O sr. Drioux, um pouco embuchado, volta-se para Loriot:

Loriot:—Soube, sr. presidente, que no parecer de um alto magistrado, êste julgamento visava apenas ideas e opiniões. Se eu olhar ao que se tem passado desde o início dêste julgamento vejo-me forçado a declarar que é realmente dum julgamento de opiniões que se trata. Se há factos inculpáveis, espero que o sr. presidente os exponha concretamente. Se se trata de um processo de ideias, que o sr. presidente o declare francamente.

O presidente.—Não se trata aqui dum processo de opiniões. O que há é um processo fundado na expressão de certas opiniões. Pensem os senhores como quizerem, mas o certo é que a expressão dessas opiniões, a propaganda dessas opiniões pode constituir um delito, até mesmo um crime.

M.º Torres.—E' um processo por expressão de ideas. Já se não trata dum *complot* arranjado por nós contra a segurança do Estado, mas sim organizado pelo govêrno contra a ideologia republicana, onde aquelas ideas se inspiram. Esse facto nos trouxe a êste recinto.

O sr. Drioux, o presidente, irrita-se um tanto ao ver que a sua história de *complot* se lhe vai por água abaixo. Quere que o deixem prosseguir no interrogatório. Refere-se a Zimmervald, e produz a respeito do assunto uma série abundante de disparates. Fala do *Comité* de Kiental e a asneira redobra. Alude ao *Comité* de defesa de Estocolmo e então o desastre assume proporções apocalípticas. Toca por fim no congresso ferroviário, efectuado em 1918, onde Monmousseau defendeu o ponto de vista zimervaldiano.

Monmousseau.—Acusam-me de ter tomado posições no Congresso ferroviário de 1918. Aderi à organização sindicalista supondo estar garantida a liberdade de opiniões. Dentro do sindicato defendi as ideas que mais me agradavam; julgava que tinha o direito de fazê-lo.

(Continua).

O sr. Raúl Esteves discursa!

O sr. Raúl Esteves é um homem eloqüente e o público não o conhecia sob êste aspecto. ¿Julgam que o sr. Raúl Esteves pôs, como seria lógico, a sua palavra fluente ao serviço da monarquia? Não. O sr. Raúl Esteves defendeu duma maneira brilhante a liberdade de pensamento.

Depois de ver na sua frente, no quartel que comanda, à soldadesca em sentido, gritou-lhe:

—Vi, mais uma vez, nos jornais, cartas anónimas que dizem respeito ao Batalhão de Sapadores de Caminho de Ferro!

E foi arengando por ali fora aos soldados: «Não preciso de «vocês» para nada; que se não subia mais alto era porque não queria. Por seis vezes fôra convidado para ministro e por seis vezes recusára, porque só queria ser comandante do B. S. C. F. e nada mais. Enquanto êle for comandante só se há de cumprir o que êle mandar—disse. Se os seus soldados (seus!) estavam descontentes que dessem um passo em frente, se fôssem capazes que serviriam de escárneo aos soldados que se dignam de enverger uma farda que êle enverga.

E aqui é que está tôda a liberdade de pensamento:

—Até amanhã teem que desmentir o que vinha hoje na imprensa!

Falsificadores e assambarladores

Manteiga falsificada

A fiscalização do comissário geral dos abastecimentos está a contas com um caso curioso de falsificação de manteiga, em que se encontra envolvido o comerciante José Jacinto Botelho, conhecido importador daquele género e com estabelecimento de venda na rua da Prata, 261.

O caso resume-se no seguinte: Um indivíduo de nome António Rodrigues Matos, da rua das Casas de Trabalho, conseguiu a falsificação de manteiga em larga escala, e que depois vendia a 7$00 no estabelecimento do Botelho, com a cumplicidade dêste, tendo por esta forma vendido 12 latas de 10 quilos cada uma para um café da rua do Amparo, pertencente a um tal Vasquez. Encontra-se detido o falsificador, e o processo está sendo organizado na respectiva repartição, com os esclarecimentos que a brigada de agentes, que efectuou a apreensão, está prestando sôbre o caso.

E' pena que mais casos dêstes não sejam conhecidos pela fiscalização, porquanto grande parte da manteiga que se vende em Lisboa é falsificada.

Apreensão de açúcar

O agente Cândido Ventura apreendeu 118 quilos de açúcar amarelo a Francisco Rodrigues Branco, com mercearia na r. Poeta Milton, 11, por pretender desviar o referido açúcar num camion com destino desconhecido. Este açúcar destinava-se a ser vendido na mercearia da argtido por meio de senhas de racionamento. O açúcar foi vendido ao público.

As padarias

Por venderem pão sem ser pezado e sair ara fora das padarias antes da hora regulamentar, foram apreendidos 26 quilos no padeiro João Maria Rodrigues, pelo agente João Carlos Miguels de Vasconcelos; 500 pães ao padeiro João, Pereira de Jesus das Olarias, rendendo a primeira 51$20, e a segunda Esc. 100$00. Por não pesar, 510 pães ao padeiro Manuel Lopes Novo, pelo agente António Gonçalves Guerra, de esc. 60$00; 820 pães pelo mesma agente ao padeiro Joaquim Gonçalves, rua S. Bernardino B. S. de esc. 160$00; pelo agente Augusto Mário da Cruz 100$00 pães ao padeiro Serafim Sanches, rua Vale Santo António, 134, de esc. 200$00; 420 pães ao padeiro Antonio Cardoso da Trindade, pelo agente António Gonçalves Guerra, de esc. 84$00; 580 quilos, pelo agente Aurélio Daniel ao padeiro Victor Marques Gil, rua Capelo 7, de esc. 185$00.

¿E se o pão de segunda melhorasse de qualidade?

¡Um comerciante na cadeia

Os agentes de fiscalização Cândido Ventura, Luís Loureiro Lucas e João da Costa Júnior, apreenderam a Casimiro Pedro Gonçalves, *honrado* comerciante de Sacavem, 180 litros de azeite, por o ter manifestado para seu cónsumo, e estar a vender ao público a 6$00 escudos cada litro. Deu entrada nos calabouços do govêrno civil até que justiça lhe seja feita.

3000 $1º!

A administração dos Correios e Telégrafos aumentou já a franquia para jornais e publicações estrangeiras na proporção de 3000 $1º! ¿Qual é o jornal que pode suportar uma despesa destas? E' mais uma calamidade que vai caír na administração dos jornais pobres. ¿Estarão os outros periódicos dispostos a suportar um disparate desta natureza?

O *Jornal da Europa* escreveu-nos um ofício relatando que dispendia habitualmente com a franquia 25$00, por cada número, e que se o aumento se efectuar passará a gastar 600$00.

Bonita cousa!

O imposto sôbre os pianos

A direcção geral dos impostos determinou, em face de uma representação que a Associação dos Músicos Portugueses dirigiu ao ministro das finanças, que sejam isentos do imposto sôbre pianos todos os artistas músicos que careçam de se instrumento para o exercício da sua profissão e que por ela paguem já a respectiva contribuição industrial.

O pedido que a mesma representação fazia a favor dos alunos do Conservatório foi indeferido.

PARTIDO COMUNISTA PORTUGUÊS

Reüniu ontem novamente a Junta Nacional dêste partido, ocupando-se, além de várias questões de expediente interno, de trabalhos de propaganda que brevemente virão a público.

Tôda a correspondência dirigida a êste organismo, poderá ser endereçada, provisoriamente, à Rua do Arco do Marquês de Alegrete, 30, 2.º, direito.

Liga dos Direitos do Homem

Recebemos a seguinte nota:

«Realisando-se àmanhã, domingo, pelas 14 horas e 30 minutos, no Ateneu Comercial de Lisboa, a primeira sessão pública promovida pela Liga dos Direitos do Homem, o Directorio da colectividade convida o povo da capital a assistir a êste acto para tomar conhecimento dos seus fins fundamentalmente republicanos, liberais e humanitários, pelos quais vai intensificar uma acção persistente em pró da Justiça e da Liberdade. Preside à sessão o dr. sr. Teófilo Braga, sendo oradores a sr.ª D. Maria Clara Correa Alves e drs. Magalhães Lima, Agostinho Fortes, Carneiro de Moura e Carlos de Lemos.

A Liga tem recebido nos últimos dias muitas adesões.

MUTUALISMO E COOPERATIVISMO

O *Diário do Govêrno*, 3.ª série, publicou anteontem os estatutos da cooperativa de consumo do pessoal e proprietários da Fábrica de Porcelana da Vista Alegre, com sede na Vista Alegre, concelho de Ílhavo, publicou ontem os estatutos da cooperativa de consumo Aliança, do pessoal da casa M. P. Levy, Limitada, com sede em Lisboa. Publica hoje os estatutos da cooperativa de Crédito e consumo Popular Eborense, Limitada, com sede na cidade de Evora e alterações aos estatutos da Caixa de Previdência Popular do Pôrto, que passa a denominar-se A Invicta.

Federação Nacional das Cooperativas.—Com a presença de 34 cooperativas, reuniu a assembleia geral ordinária, tendo sido aprovado o relatório e contas da comissão administrativa, sendo por proposta do sr. Ramiro Moura aprovada por aclamação uma saudação à direcção da Cooperativa Militar, por ter facilitado todos os elementos indispensáveis à Federação, agradecendo o sr. major Salgado a homenagem prestada à sua Cooperativa.

Em seguida resolve-se que a F. N. das C., se filie na Aliance Cooperative International e foi eleita uma comissão para juntamente com os novos corpos gerentes estudarem a modificação de algumas disposições dos estatutos. Tendo se procedido à votação, reelege-se a comissão administrativa e os corpos gerentes, que ficaram constituídos pela seguinte forma:

Direcção—Cooperativas: Padaria do Povo, Ferroviários e Aderentes do Entroncamento, A Fénix e Fabril Naval.

Substitutos—Cooperativas: Empregados da Exploração do Pôrto de Lisboa, Pensionista do Pessoal da Imprensa Nacional e Bemfeitense.

Assembleia geral—presidente: Económica Doméstica do Pôrto; 1.º secretário, Funcionalismo; 2.º secretário, Empregados dos Transportes Marítimos.

Conselho fiscal—A Bancaria, Banco Nacional Ultramarino, Operária do Beato e Poço do Bispo.—Suplentes: Funcionários Públicos de Santarém e Piedense.

Director gerente—Major António Maria Pinto Salgado, delegado da Cooperativa Militar.

Antes de se encerrar a sessão o dr. sr. Reis Santos pronunciou um discurso agradecendo a comparência dos delegados à esta reünião, congratulando-se por ter sido nomeada a Cooperativa Económica Doméstica do Pôrto para presidente da mesa da assembleia geral, fazendo realçar as brilhantes qualidades do delegado dr. sr. António Luís Gomes, de quem o cooperativismo nacional muito espera.

Cooperativa A Xabregueense. — Sob a presidência de Maximiano Marques, reüniu esta cooperativa para a nomeação de nova direcção, sendo eleitos: Manuel Monteiro, presidente, Domingos Silva, tesoureiro, Rosendo José Viana, secretário; José Gonçalves Ramos e João Marques, vogais, devendo tomar posse àmanhã, pelas 10 horas.

Homenagem a David de Sousa

A grande comissão de homenagem a David de Sousa, enviou um requerimento à Camara Municipal de Lisboa, oferecendo o busto em bronze daquele falecido maestro, modelado pelo escultor Maximiano Alves, solicitando que seja concedido o respectivo pedestal, para o qual a comissão já possue o projecto do arquitecto Amilcar Pinto.

Como passe no dia 6 do próximo mês de Maio o aniversário natalício de David de Sousa, a comissão manifesta no seu requerimento o desejo de que a inauguração do monumento se realize naquela data, alvitrando também que êle seja colocado no jardim da Estrela.

A comissão terá de remeter ainda o projecto e orçamento do pedestal para então o assunto ser tratado pela Comissão Executiva, que segundo nos consta está em princípio de acôrdo com o deferimento do requerimento.

JUVENTUDES SINDICALISTAS

Federação das Juventudes Sindicalistas.—*Comité federal.*—Reuniu ontem êste comité registando-se a falta de tres membros. Lido o expediente oficios, do camarada Peladinho, núcleos de Gaia, Olhão e Silves, S. U. Metalúrgico, delegado da Federação no Norte e camarada Inácio S. Vizeu, tratando assuntos de caracter geral interno. Apreciada a ausência dos camaradas secretário geral e secretário da C. S. que farão parte do Congresso Metalúrgico são nomeados a substituí-los interinamente os camaradas António Monteiro e José Esteves, respectivamente secretário geral e secretário da C. S.

Núcleo de Lisboa.—E' absolutamente necessária a comparência dos primeiros secretários de tôdas as secções com os respectivos y rbetes dos sócios e bem assim todos os cobradores afim de definitivamente se distribuir as cobranças por áreas. A reünião é inadiavelmente hoje, às 20 horas prefixas.

COLISEU DOS RECREIOS
HOJE — às 21 horas — HOJE
Estreia da engraçada pantomina cómica
QUINTA INFERNAL
Grandioso espectáculo da magnífica
Companhia de circo e variedades
Segunda-feira—Estreia do rei da audácia português
DUART
Sensacional número aereo

Vida Sindical

COMUNICAÇÕES

Fragateiros—A assembleia geral ontem reüniu resolveu expulsar de sócio o cidadão António Rodrigues Faneco, devido a ter produzido tumultos na sede da Associação, não podendo jàmais trabalhar dentro das embarcações.

Sôbre a crise de trabalho, verificou-se que os proprietários de fragatas, desde o início da Cooperativa de produção para compra de embarcações para fazer o serviço de cargas e descargas no rio Tejo, teem feito uma perseguição acintosa a essa nova organização, dizendo que não lhes é possível amarrar as embarcações, julgando por esta forma prejudicar a Cooperativa florescente.

Assim a assembleia geral resolveu:

1.º Entregar a questão da crise de trabalho, forjada pelos proprietários de fragatas, à Federação Marítima;

2.º Que a Federação reúna imediatamente para a solução da reclamação.

Mais ficou resolvido que os tripulantes das embarcações que receberam ordem para as amarrar, o não façam sem ordem do conselho central da Federação Marítima.

Resolveu saudar os trabalhadores dos jornais em greve e contribuir com a quantia de 100$00 para auxílio dos grevistas.

Sindicato Unico da Construção Civil.—*Comissão profissional dos pintores.*—Reüniu esta comissão, que aprovou novos sócios, fazendo distribuir àmanhã um convite a todos os camaradas para a reünião magna que se efectuará na quarta-feira, 6 do corrente. Tambem tratou de outros assuntos.

CONVOCAÇÕES

Federação Marítima—Para tratar assuntos de importância, reúne hoje, pelas 19 horas, pedindo-se a comparência de todos os membros.

Federação da Construção Civ.l—São convidados a reünir hoje, pelas 19 horas, os delegados da comissão pró-presos da industria.

Pede-se que nenhum falte, pelo assunto a tratar ser urgente.

Federação Corticeira—Reúne àmanhã, pelas 11 horas prefixas, para se ocupar de assuntos da máxima importância, especialmente da crise que a classe está atravessando. A comparência de todos os delegados é indispensável.

Sindicato Ferroviário—Reúnem hoje, pelas 20,30 horas, os corpos gerentes, para tratarem de assuntos importantes, pedindo-se a comparência de todos os componentes.

—A manhã, pelas 15 horas, reúne a assembleia geral extraordinária, com a seguinte ordem de trabalhos: Eleição de cargos vagos dos corpos gerentes do Sindicato, por motivo de transferências; eleição de cargos vagos na comissão do Congresso Ferroviário; eleição de uma comissão de interesses de classe.

Calafates e Carpinteiros Navais.—Em assemblea mista, reúnem estas duas classes àmanhã, pelas 11 horas, afim de se tratar de assuntos importantes.

Estivadores.—Reúne àmanhã, pelas 8 e meia horas da manhã, a assemblea geral para leitura da nova inscrição de sócios e distribuição de novos cartões.

Manipuladores de Pão.—A direcção convida a classe em geral a reunir àmanhã, pelas 17 horas.

Sindicato Unico da Construção Civil.—*Conselho Administrativo.*—Convidam-se os camaradas cobradores a virem buscar os jornais para serem distribuídos aos sócios.

Aviso aos emigrantes

O *Diário do Govêrno*, 2.ª série, de 30 de Março, publica o seguinte aviso, da repartição dos serviços de emigração:

Para os fins convenientes se torna público que o ministério dos negócios estrangeiros transmitiu a esta direcção geral a informação do cônsul de Portugal em Casa Branca, segundo a qual se acham ali suspensos todos os trabalhos, e não deve para ia seguir nenhum operário que ali não tenha família ou residência. A saída de emigrantes para Marroços é perigosa para êles, pois a sua repatriação torna-se difícil e dispendiosa.

O estado sanitário

Segundo o Boletim de Sanidade Interna, na semana finda em 26 de Março, manifestaram-se em Lisboa 7 casos de diftéria, 1 de escarlatina, 2 de febre tifoide, 1 de meningite e 1 de varíola; e no Pôrto 2 de diftéria e 2 de febre tifoide.

SINDICATOS da PROVÍNCIA

Sindicato Unico da Construção Civil do Porto.—*Conselho técnico.*—Convidam-se todos os membros dêste conselho a reünir na próxima segunda-feira, às horas do costume, afim de tratarem de um assunto urgente e inadiável.

Atendendo à sua importância, é conveniente que membro algum falte.

Últimas notícias

EM INGLATERRA

Labourt Party rejeita a III Internacional

PARIS, 1.—A questão da filiação de Independent Labour Party à III Internacional de Moscóvia provocou na conferência anual de Southeport uma scisão entre os elementos comunistas e a fracção moderada do partido.

A rejeição da moção de filiação foi feita por quinhentos e vinte votos contra noventa e cinco.—*Rádio.*

¿Os mineiros não vão para a greve?

LONDRES, 1.—Os mineiros decidiram, por ordem do comité executivo da Federação, abandonar as minas porque pensam que as negociações com o govêrno falharam.—*Rádio.*

O presidente da junta do comércio quer evitar a greve

LONDRES, 1.—O presidente da junta do comércio esforça-se por encontrar a plataforma do acôrdo com os mineiros, com quem está ainda em negociações.—*Rádio.*

A Alemanha revolucionária

A «Rádio» diz que falha a revolta comunista

BERLIM, 1.—Os operários regressam aos seus trabalhos e o movimento comunista falhou por completo em Berlim. Ainda há uma certa actividade revolucionária na Saxónia, próximo da região de Leipzig.—*Rádio.*

Os operários regressam ao trabalho

BERLIM, 1.—O caminho de ferro entre Hallo e Leipzig está de novo na posse das fôrças do Estado. Os mineiros de Mansfeld retomaram o trabalho ontem de manhã. Foram presos no distrito de Mansleben, vinte comunistas. A polícia aniquila os últimos bandos que passam pela região.—*Rádio.*

Outra revolução?

Uma república democrática?

ROMA, 1.—Os russsos ocuparam Minsk. O oitavo exército vermelho reüniu-se aos revolucionários. Foi proclamada uma república democrática em Kieff.

Os operários de Petrograd abandonam as fábricas para procurar víveres nos campos.—*Rádio.*

Uma contra-revolução que se estende aos camponeses

PARIS, 1.—Os caminhos de ferro entre Kieff e Odesse estão em mãos dos insurrectos. Intensifica-se o movimento anti-bolxevista entre os camponeses. A revolução dos camponeses, segundo se afirma, é muito difícil de reprimir para os bolxevistas.—*Rádio.*

A Rússia e os capitalistas

As locomotivas russas vão ser reparadas em Inglaterra

LONDRES, 1.—Apesar da grande concorrência estrangeira, nomeadamente da alemã, auxiliada pela baixa do câmbio, a casa Armstrong de Witworth obteve uma encomenda de duas mil locomotivas por parte do govêrno belga, tendo havido outros concorrentes de várias nacionalidades. A mesma firma assinou um contrato pelo qual se compromete a reparar as locomotivas dos caminhos de ferro da Rússia, trabalho que terá de ser executado na Inglaterra e empregará uns dôze mil operários durante cinco anos.—*Rádio.*

Não há bolxevistss...

LONDRES, 1. — Uma nota comunicando à imprensa pelo secretário do partido laborista independente declara que é ilusória e ridícula a pretensão segundo a qual os delegados da minoria bolxevista representam 20 0|0 do número total de adeptos. A fracção compreende escassamente um número de 10 0|0 do número total de membros e como os delegados ainda não comunicaram com os grupos que pediram a sua representação na Conferência, é impossível predizer a decisão que tomarão, mas julga-se que mais de 1.000 membros abandonam o partido para os seguir.—*Rádio.*

Um colaborador de Tchitcherine que diz mal dos bolxevistas...

PARIS, 1.—Um dos principais colaboradores de Tchitcherine, sr. Kharakhan, escreveu uma carta ao agente de Riga, a qual é a mais manifesta prova do estado desesperado em que se encontraram os bolxevistas por ocasião da revolta de Cronstadt. Nesta carta expôs minuciosamente os sucessos de Cronstadt, fazendo resaltar como os soldados em massa debandavam para os revolucionários, sem dispararem um só tiro, ao passo que se notava um alvorôço geral no povo.—*Rádio.*

Os irlandeses

adoptarão a tática revolucionária?

LONDRES, 1.—O presidente da república irlandesa, sr. De Valera, foi entrevistado por um jornalista sôbre a atitude que os sinn-feiners devem tomar nas recentes eleições do Home Rule decretado pelo parlamento britânico. De Valera declarou que os sinn-feiners contestam qualquer legalidade nessa medida. Não indicou expressamente qual a atitude a assumir pelos seus partidários, mas supõe-se que optará pela abstenção completa na próxima votação.—*Rádio.*

Trindade S. T. L.da Empresa Tavaira Telefone 99 C.
HOJE - 3.ª récita de assinatura - HOJE
Festa artística do grande actor
FERREIRA DA SILVA
Primeira representação da peça em 4 actos de
Paul Bourget, tradução de Armando Ferreira
O Emigrado
Protagonista : : : : :
Ferreira da Silva
Os principais papeis por Emilia de Oliveira, Amélia Pereira, Carlos Santos e Teodoro Santos

TEATROS & CINEMAS

Notícias

Está-se manifestando o maior interêsse e curiosidade pela récita que na próxima segunda-feira se realiza no Gimnásio, em festa artística do estimado e inteligente ensaiador Araújo Pereira.

O espectáculo é constituído pela «première» da peça *Negócios são negócios*, tradução de Acácio de Paiva, da peça—grande êxito parisense *Les affaires sont les affaires*, que valeu a Mirbeau, o seu autor, os maiores elogios do público e da crítica. Os papeis de relêvo na peça são interpretados por Berta Vieira da Mota e Alves da Cunha. Para esta récita excepcional já avisaram quási todos os assinantes, dizendo que querem manter os seus lugares.

A preferência para êles finda hoje. Entretanto, continua a venda livre dos lugares disponíveis.

—O secretário da empresa do Teatro Gil Vicente, sr. Almeida Bomba, acedendo aos inúmeros pedidos dos seus amigos que teem assistido aos ensaios da opereta portuguesa *A Rosa do Jardim*, original de Artur Ivões e Vencealau de Oliveira, música de Raúl Portela, resolveu realizar a sua festa artística com a primeira representação dessa peça, que foi muito bem recebida por esta emprêsa, dada a sua contextura original e sem escabrosidades.

A festa de Almeida Bomba realizar-se-há no próximo dia 17 e tudo se prepara para que ela decorra com o máximo brilhantismo, dadas as inúmeras simpatias que conta no meio teatral, bem como os auctores de *A Rosa do Jardim*.

E' finalmente hoje que tem lugar no Trindade a festa artística do grande actor Ferreira da Silva, glória do teatro português, detentor do reportório mais difícil e mais moderno exibido pelas maiores sumidades de todo o mundo e por êle interpretado com o arrojo e o talento dos eminentes artistas. Representa-se pela primeira vez, em 3.ª récita de assinatura, a grande peça de Paul Bourget *O Emigrado*, em tradução de Armando Ferreira, um dos maiores e mais retumbantes sucessos de Paris.

Réclames

Nega-se a qualidade de pessoa de bom gôsto a todo aquele que tiver a audácia e o atrevimento de não comparecer tôdas as noites no Eden-Teatro, onde se representa a mais famosa, a mais querida e a mais característica das revistas *Paz Armada* com o *compère* desempenhado por António Gomes, a *comère A Pombinha*, por Carmen Martins e os principais papeis femininos por Dora Vieira, Emília Oliveira e Tereza Taveira, complemento soberbo na rabula *Os homens de Amanhã*. A reünião, pois, de tôda a Lisboa, é hoje no Eden-Teatro.

—Realiza-se hoje no Coliseu dos Recreios a estreia da deliciosa pantomima cómica *Quinta infernal* que, junta aos notáveis trabalhos dos artistas da grande companhia de circo e variedades, constitue um programa atraente que ha de levar ao popular circo uma grande concorrencia.

Na próxima segunda-feira efectua-se a estreia do rei da audacia portuguès, Duarte, que executará um sensacional trabalho aereo.

CARTAZ DO DIA

NACIONAL—A's 21—«Zilda».
TRINDADE—A's 21—«O Emigrado».
SÃO LUIS—A's 21—«I. P. C.», opereta.
GIMNASIO — A's 21,30—«A Ventoinha».
POLITEAMA—A's 21—«O João Ratão.»
AVENIDA—A's 21—«A Morgadinha dos Canaviais».
APOLO — A's 21—«Burro em pé», revista.
SALÃO FOZ—A's 20,30 e 22,30—«Trolaró», revista.
EDEN-TEATRO—A's 21,30—«Paz Armada», revista.
COLISEU DOS RECREIOS — A's 21—Grande companhia de circo e variedades.
Variedades e Animatógrafos.—Salões Olimpia, Central, Condes, Chiado Terrasse, Anjos, Trindade, Promotora, Portugal, Cine-Paris, Idéal e Chantecler.

A BATALHA NA PROVÍNCIA NOS ARREDORES

VIANA-DO-CASTELO, 30

O livro do dr. Ferreira Soares—A visita do Ministro do Comércio—O azeite e a «Voz Republicana»—Os caixeiros

O dr. sr. Ferreira Soares, governador civil dêste distrito após a reimplantação do regime republicano em Fevereiro de 1919, e antigo professor do Liceu, publicou um livro intitulado «Viana na insurreição de 1919».

Lendo-o, ficamos com a impressão de que o autor, talvez porque seja republicano militante e uma das vítimas da *Traulitana* não só enaltece o valor da crença republicana cá no meio, como amesquinha a importância do reaccionarismo local. Ora isto não está bem. Aqui, quem tem pre ominado sôbre o andamento das coisas públicas e com tendências para aumentar, são os reaccionários, e a demonstrá-lo estão ainda os factos há pouco tempo decorridos.

E' nessa ordem de ideas que o sr. Ferreira Soares, para sacudir a água do capote dos seus correligionários, atira com as culpas para o sr. Aires de Abreu, governador civil no sidonismo, procurando assim desculpar a inactividade e falta de energia dos republicanos evitar a restauração monárquia. O sr. Aires de Abreu era já bem conhecido pelos republicanos, com quem por mais de uma vez tiveram entendimentos para defesa do regime, e portanto sabiam bem com quem tratavam. Se foram atraiçoados, à sua fraquesa e falta de acção dos republicanos se deve. E sôbre as reünições no Registo Civil havia muito que dizer...

A página 86 diz o autor: «Está a República em Viana sem virem de fóra a repô-la, como sucedera para a rebelião: e a acção da véspera, mesmo descoordenada e de afogadilho, tem de ser aquilatada à esta luz: aqueles rapazes e sargentos são uns beneméritos.»

Ora a verdade é que a *Traulitana* foi implantada por criaturas de menor idade e deegraçadinhos que nem as armas sabiam manejar, sendo por isso muito fácil o seu aniquilamento; e quando cá chegou a coluna Sá Guimarães, só fazia falta para os de Valença, que ainda assim, apesar de isolados, estavam decididos a lutar, mostrando mais solidariedade que os de Viana.

Dizem-nos que outra individualidade está escrevendo também um livro sôbre o assunto. Veremos o que dirá, mas achamos cedo para se fazer a história imparcial do que se passou.

—O ministro do comércio chegou hoje. Muitos oficiais, empregados públicos, banda do 5, etc. Povo... deixou-se já disso.

—A «Voz Republicana», deu-lhe para abrir campanha contra o delegado das subsistências, o que achamos bem, e no seu último número apela para a rebelião e em caracteres bem visíveis convida o povo a manifestar-se por todos os meios até que seja ouvido nos altos poderes.

Assim mesmo é que se fala.

Porem, quer-nos parecer que anda aqui «caveira». ¿Porque será que o delegado das subsistências não agrada à «Voz»?

Que diabo: está aí o ministro do comércio e, como anda na companhia do director da gazeta, é fazer-lhe queixa.

Convidar o povo a manifestar-se hostilmente num momento em que é preciso dar «lá fora» o exemplo de «ordem», com que sempre nos buzinam, achamos pouco coerente... Que será?

—Uma comissão de caixeiros foi entrevistar o secretário geral do govêrno civil para que a lei do descanso semanal se cumprisse, ficando, como é vulgar dizer-se, ainda a dever dinheiro àquele funcionário.

A nosso ver, é capaz de lhe suceder o mesmo como à comissão que lhe foi reclamar a reabertura do Centro Comunista. A questão é os patrões teimarem.

Muito amavel, aquele sr. dr. Paul.....P.

Sociedades de Recreio

Academia Recreativa de Lisboa—Esta sociedade pede-nos a publicação da seguinte nota:

«No elegante teatrinho da Academia Recreativa de Lisboa, rua do Socorro, realiza-se àmanhã às 14 horas, uma interessante matinée em homenagem ao poeta operário Manuel Soares (Intendente), O espectáculo constará dum certame de fados, no qual tomarão parte os mais conhecidos cultores dêste género e três aplaudidos guitarristas. Por especial deferência para com o homenageado, tomam parte nest festival os velhos poetas populares António Singuinha e António Cutileiro. Na montra da Cooperativa dos Chapeleiros A Social, rua Fernandes da Fonseca, encontram-se expostos muitos brindes para serem oferecidos ao homenageado.»

4243
40.000$00
(vigéssimos)
4242 ..... 972$50
4244 ..... 972$50
4241 a 4242 premiados com 100$00
(dezena certa)
6335 ..... 200$00 bilhete
181 ..... 100$00 cautelas
— Grande palpite —
para a próxima loteria
na Tabacaria Martins
4, Largo do Calhariz, 4

Sorte grande
4243
40.000$00 (vigéssimos)
4242 ..... 972$50
4244 ..... 972$50
4241 a 4242 premiados com 100$00
GRANDE PALPITE PARA A PRÓXIMA LOTERIA
na FELIZ
Tabacaria Martins
47, Rua S. Pedro d'Alcantara, 47
SEMPRE SORTES GRANDES!

Trabalhadores: Lêde e propagai A BATALHA

A' Rapaziada!!!
Às valentes e pêras!

Botas de vitela branca para homens, de 1.ª a 20$750.
Botas de vitela branca de 2.ª a 88750.
Botas de atanado branco a 18$750.
Botas pretas, 2 solas a 19$700.
Botas pretas, 2 solas a 22$700.
Botas de calf preto, forma americana, 1 sola, preço réclame a 23$750.
Sapatos para senhora a 11$500, 15$000, 16$00.
Sapatos em pelica verniz para senhora, salto à Luís XV, a 15$000.
Fornecedores dos empregados dos Caminhos de Ferro Portugueses e do Sul e Sueste e da Cooperativa dos empregados do «Diário de Notícias».
SAPATARIA S. ROQUE
6 Largo Trindade Coelho 17
(Antigo Largo S. Roque)

TINTURARIA
Prêto fixo e tôdas as côres, só na tinturaria Alcantarense, onde se tinge tôda a qualidade de vestuário. Rua de Alcântara, 19.

SAPATARIA
Marques Ferreira & C.ta
Calçado de luxo em todos os géneros pelos mais elegantes modêlos, executa-se com tôda a perfeição e solidês na Rua da Procissão, 141, tomando também conta de todos os consêrtos.